

ARTE FOTOGRÁFICA

ARTUR PASTOR

e a sua próxima exposição

Artur Pastor é, ainda um nome quase desconhecido. Meia dúzia de publicações, um círculo restrito de amigos, não pôde naturalmente trazê-lo e impô-lo ao conhecimento do grande público.

E, contudo, os que com ele privam e o apreciam sabem que Artur Pastor é uma revelação notável em fotografia, um nome de positivo valor, infelizmente aferrado a uma modéstia exagerada e dir-se-ia indestrutível.

Apenas com 23 anos, tendo principiado seriamente a fotografar há escassos três anos, fácil e rapidamente se elevou, servido por uma intuição artística e inegável sensibilidade e finura. Poucas centenas de provas bastam para demonstra quanto expressiva é a sua Arte, duma personalidade destinta, sensível, traçada a traços de pintura.

Faro, terá, em breve, oportunidade de conhecer os seus trabalhos, dados, pela primeira vez, à publicidade e ao conhecimento do público.

Quisemos, portanto, ouvi-lo. Às nossas perguntas, Artur Pastor responde com a simpatia e franqueza que lhe são peculiares.

– Porque escolheu Faro para apresentar, em primeira exposição, os seus trabalhos?

Prende-me ao Algarve laços fortes de sentimento, não esquecendo a sincera admiração que voto à sua tão pitoresca e

variada fotogenia. O facto de expor primeiramente em Faro traduz, assim, uma homenagem que pretendia oferecer a esta província.

– O que pensa da fotografia de hoje? Como a interpreta?

A fotografia é, a meu ver, a melhor forma de interpretar a realidade. Vejamos o caso de uma cabeça característica, melhor ainda da chamada fotografia pura: observemos o seu realismo, o seu máximo de pormenorização, inacessível por exemplo, à pintura. Enquanto que esta, como a escultura, pode deformar, estilizar, oferecendo uma síntese ao observador, a fotografia capta os melhores detalhes, oferecendo-os com a mesma sensação de vida.

– Iguala, a fotografia, como Arte, à pintura e à escultura?

Sim, igualo, na acepção de Arte pura Repare como com a fotografia nos podemos aproximar da pintura; o carvão, o bromóleo, são de tal facto uma demonstração sólida.

A fotografia não é apenas a tradução de num simples negativo dum maravilho pôr-do-sol, duma máscara fisionómica admirável, dum instantâneo colhido na sua mais espontânea feição, é sobretudo, na minha opinião, a própria arte de ver.

Na pintura, o artista pode modificar o seu trabalho, convertendo-o à sua expressão

mais atraente. Na fotografia, quantas vezes o motivo não é convertível, impossível se tornando adaptá-lo ao melhor gosto do fotógrafo. Não contando já com o mesmo indispensável estudo de relevo, luz e composição, o fotógrafo tem ainda o estudo do movimento.

A pintura deve, em grande parte, a sua criação e conseqüente expansão a um factor importantíssimo: a cor. Um dia em que a fotografia domine o colorido, tornando-o acessível ao público, o seu sucesso será retumbante. De resto, já hoje, extorquir beleza, materializar uma ideia, surgida de motivos simples, aparentemente desapercibidos e impessoais, é sem dúvida fazer arte.

– Qual o maior valor que atribui à fotografia?

Sendo uma Arte mais rápida de exprimir, e mais fácil na sua concepção, fiel à realidade, constitui, mais que a pintura ou a escultura um melhor meio informativo de que dispomos.

Devo lembrar-lhe que a fotografia é, de facto, um dos mais eficazes processos de divulgação. Como elemento de propaganda de um determinado povo, dos seus usos, tipos, actividades, etc. a fotografia moderna é firme pilar da civilização de hoje. Ela aproxima os povos, tornando-os conhecidos entre si, servindo, assim, com elevação e nobreza, a divulgação da Humanidade.

– Qual a forma ou interpretação fotográfica que mais o impressiona?

Devo confessar que todos os domínios da fotografia me interessam. Contudo, a

modalidade que mais me tem interessado é, sem dúvida, a pictoral. Seguidamente, a reportagem artística, é, só depois, a fotografia pura e a publicitária.

– Na sua projectada exposição temos, assim?

O caso da reportagem artística, mesclada, por vezes, da fotografia pictoral.

– E porquê a reportagem artística?

Porque é ela a modalidade que melhor apresenta a vida numa forma atraente e vigorosa. Presentemente, em que a imagem cada vez mais substitui a palavra, constituindo uma das características mais marcantes do nosso século, a reportagem artística trás, assim, uma economia de tempo, sendo mais acessível e compreensível, requerendo, portanto, um menor funcionamento intelectual.

Num país servido por uma formosa luminosidade, numa intensa e múltipla fotogenia, a reportagem artística constitui um novo valor, uma notável força de sugestão.

– Como procurou interpretar a modalidade a que se refere?

Quanto possível diligenciando evadi-la dum domínio restritamente visual, desemparedando-a dum rotineirismo decadente e numa interpretação não raro defeituosa.

– Temos, então, uma tradução da vida, apresentada sob a forma de Arte?

Sim, procurei que assim acontecesse. A exposição será necessariamente uma síntese dum todo, um pouco desse

manancial inesgotável que é o folclore português. Não se apresentará fragmentada, confusa, mas sucessiva, tentando apresentar-nos os principais aspectos regionais, os costumes característicos, os tipos humanos, as actividades fundamentais, a existência animal e a flora peculiar das nossas províncias do Alentejo e do Algarve. Será, pois, um estudo da paisagem, de etologia, um pouco de zoologia, mas sobretudo, um estudo etno-iconográfico.

Incluo, ainda, aspectos da praia de Sesimbra e dessa maravilha de pedra e de verdura que se chama a serra da Arrábida, num esforço para abranger o que o Sul possui de belo para exprimir a sua actividade ou o seu encanto.

Diligencie ser puro na interpretação, sem estilizações de formativas, nem encenações pretensiosamente artísticas, falsamente documentais. Fotografei o que realmente existe e se observa, exprimindo a sua naturalidade forte e inconfundível.

– Qual o seu parecer sobre o caminho para onde enveredar a fotografia no seu factor de utilidade?

Necessariamente pela reportagem artística, criando mais e melhor. Não bastam meia dúzia de nomes consagrados, é preciso que os novos tentem também, num unido esforço fotografarem com honestidade e consciência.

A maioria dos fotógrafos limita-se somente a fotografar bem, criando «clichés» nítidos e bem compostos Raros procuram imprimir aos seus motivos uma feição pessoal, sua,

algo de indefinível que sentimos sem ser apenas de si próprios.

Personalidade do artista e do motivo, eis o que nem sempre existe. O fotógrafo deve criar uma forma sua, diferente, que o defina e distinga. O motivo, seja uma cabeça, um busto, uma cena da vida, deve possuir vigor, verdade, impressionismo.

Atente ao nu moderno, uma das expressões mais artísticas da fotografia: na sua composição, a cabeça desapareceu, os processos decorativos desapareceram, ficando apenas o modelo em sugestivas atitudes estatuárias. Considera-se a forma independentemente da ideia. Também aqui a fotografia se aproxima da escultura, que não poucas vezes supera.

– Como procede quando fotografa? Com que mais se preocupa?

Primeiro, a interpretação do motivo, a tentativa de reconhecer o que possui de rendimento artístico. Reconhecida a sua expressão mais característica, ou traduzida uma ideia pré estabelecida, recorro à parte técnica: linhas de composição, relevo, efeitos de perspectiva, distribuição de sombras, em duas palavras: harmonia e ambiente. Depois, luminosidade e movimento.

Dentro da modalidade fotográfica, aprecio imenso o contra-luz, levado mesmo à silhueta pura, a cabeça expressiva, o nu moderno, as fotografias da Natureza, e outros géneros que seria fastidioso enumerar. Como impressão prefiro o contraste, o negro sobre branco em transição vincada.

– Para terminar, diga-nos, tenciona expositar noutros locais?

Naturalmente, Possivelmente, em Évora e Setúbal. Depois, ainda não sei, mas em Março conto expositar em Lisboa, num Salão de São Pedro de Alcântara.

– Uma última: Queira sintetizar, portanto, a razão para que fotografa?

Porque reconheço na fotografia possibilidades modernas indiscutíveis, porque penso que o monopólio artístico exercido pelos fotógrafos da velha guarda deve permitir a entrada aos novos, aos que observam e sentem a sua evolução continua. Ainda, porque, a par de uma realidade artística, e duma intensa satisfação pessoal, existe uma realidade monetária, traduzida em compensações indispresíveis.

Desejo que o meu esforço seja alcançado, julgada, se possível a minha personalidade. Tal sucedendo, ficarei sobradamente compensado: o meu espírito foi atingido e a minha sensibilidade respeitada.

Com estas palavras, findou a nossa entrevista. Que o público das regiões, principalmente, que pretendeu honrar com as suas interpretações fotográficas, o acarinha e incite, porque na verdade, Artur Pastor é uma revelação, uma revelação repleta de vontade e de possibilidades.

Liberto Conceição

In O Algarve, 12 e 20 de janeiro e 3 de fevereiro de 1946.